

DA VIDA ESCRAVA NO BRASIL

Julia Engell-Günther*

Aconteceu no Brasil, na capital da província do mesmo nome, São Paulo, que numa certa manhã recebi uma carta de seguinte teor:

“Ilustríssima Senhora Dona, devo escrever-lhe, pois certamente não terei mais muito tempo de vida. Encontro-me presa e condenada e não acredito mais que de alguma forma possa escapar do cumprimento da sentença, mas não me arrependo de nada do que fiz. Vossa Senhoria sabe como é – por mais que o padre tente persuadir-me, o padre José nunca foi escravo, portanto, o que é que ele tem com isso? – É por isso que devo escrever-lhe, Senhora Dona. Desde que não estou mais sob a graça de Vossa Senhoria, não tive mais nenhum momento de alegria, e, portanto, tanto faz se estou viva ou morta. Veja bem, só lamento por minha pobre e bondosa dona, e é por isso que lhe escrevo e peço que Vossa Senhoria faça por mim, aquilo que não posso fazer. A pobre Dona Brandina já sofreu demais sob o jugo daquele homem mau que Deus lhe destinou não sei por quê; e agora, que foi libertada daquele destino cruel, não estou presente e não posso trabalhar para ela, e não sei como ela possa arranjar-se sozinha. Certamente não poderá estar feliz, pois era eu que deveria servir-lhe; ela é uma Senhora e, portanto, não sabe fazer nada. Mas Vossa Senhoria, Senhora Dona, Vossa Senhoria não é assim, e por isso peço-lhe, Vossa Senhoria, por todos os Santos benignos que a hão de abençoar, que vá até o Senhor Cônego Cypriano e lhe diga que não estou em condições de procurá-lo, mas que ele providencie para a Senhora Brandina aquilo que foi acertado. Caso Vossa Senhoria possa encarregar-se desse assunto, Senhora Dona, minha pobre dona não terá mais que sofrer privações, embora tudo isso seja muito triste para ela, e eu deveria ter pensado nela, quando fiz o que fiz. Mas não pude agir de outra maneira, tola que fui, e nada teria sido revelado, se minha filha, aquela desmiolada, não tivesse gritado como uma louca. Agora, não me resta outra coisa senão orar por Vossa Senhoria e por Dona Brandina. Deus proteja as duas e lhes dê toda benção dessa terra e dos céus. Permaneço nesta e na outra vida sempre sua escrava. Rosaura.”

Perguntei-me, o que isso poderia significar? – A boa e velha negra, é claro, não escreveu a carta de próprio punho; ela não sabia escrever; mas ela pediu que alguém a escrevesse, e isso tinha sua explicação, pois eu sabia que não era difícil para os presos, caso pudessem ter acesso ao pátio da prisão, conversar com os transeuntes através das grades, ou mesmo enviar mensagens por seu intermédio. Nesse sentido, aqui não se age com severidade, apesar de que em todos os outros sentidos quanto à sujeira, aos enormes bandos de insetos e à total falta de claridade e ar fresco, as casas de detenção no Brasil não se encontrem em situação

* Tradução de Elke Dislich. "Aus dem Sklavenleben Brasiliens". In: HELVETIA. Monatsschrift zur Unterhaltung und Belehrung des Volkes, Basel, Verlag Robert Weber, 1901,p.252-261.

menos precária do que qualquer estabelecimento similar em qualquer outro lugar no mundo. Além disso, os escravos certamente não recebiam nem uma cama, nem uma refeição digna de um ser humano. Um sentimento de profunda compaixão tomou conta de mim, – mas, que ato condenável poderia ela ter cometido? – Há alguns anos ela me prestou serviços e naquela época demonstrara não somente ser uma trabalhadora eficiente e prestimosa, como ser também uma pessoa muito prendada e culta, em se tratando de uma escrava negra. Ela não só preparava a comida trivial, como era mestra na preparação de todos os tipos de quitutes e iguarias servidas nas mesas brasileiras, além de ser uma exímia lavadeira e passadeira. Além disso, não havia artesã que pudesse superá-la na mais fina arte da costura e na confecção de rendas de bilros. E, quanto à dedicação, boa vontade e asseio, não deixava nada a desejar. Eu, em especial, devia-lhe gratidão, pois fora sua presença de espírito que evitara que a casa em que eu morava com minhas pupilas fosse consumida pelas chamas, o que me teria causado um enorme prejuízo.

Dessa forma, seu destino não me poderia ser indiferente, apesar de não ter tido notícias dela nos últimos dois anos, depois da minha mudança para outro logradouro. Ela não me acompanhara na mudança e tentara encontrar um outro local de trabalho em São Paulo, pois não queria afastar-se muito de sua antiga dona, a Senhora Brandina, agora empobrecida, e suas frequentes visitas a ela representavam seu único consolo em toda aquela infelicidade. O salário de Rosaura era, há muito tempo, a única fonte de renda de sua dona. Eu costumava pagar-lhe, além do salário, mensalmente, mais alguns milréis pelos serviços, de forma que ela pudesse se sentir como uma trabalhadora livre, pelo que ela sempre se mostrou agradecida.

Agora, eu viera a São Paulo para visitar uma família de amigos, e a pobre Rosaura deve, de alguma forma, ter tido notícias da minha presença na cidade e resolvido enviar-me aquela carta.

Julguei mais sensato, em primeiro lugar, fazer uma visita à Dona Brandina, para colocar-me a par do acontecido, pois, somente com o conhecimento exato dos fatos eu poderia ter a esperança de poder reverter a situação.

A mulher morava numa cabana deplorável nos arredores da cidade, uma vez que o declínio de sua confortável situação financeira a havia afastado cada vez mais do círculo de suas amigas. Tive que enfrentar uma série de contratemplos, antes de localizá-la naquele quartinho escuro no qual uma família de mulatos a hospedara. A mobília me pareceu extremamente precária, mesmo para condições brasileiras. Uma esteira de palha bastante imunda cobria o chão, uma rede igualmente suja pendia em um canto, e um banquinho de três pés, que fazia a vez de mesa, completava o mobiliário, e isso era tudo.

Com a minha entrada, Dona Brandina levantou-se da rede, na qual passava o dia deitada, sonhando, e que à noite lhe servia de leito, tomando uma posição sentada, ofereceu-me o lugar ao lado do seu. Eu, no entanto, dei preferência ao banquinho, e nossa conversa iniciou-se sem mais rodeios, já que ela sabia quem eu era e podia imaginar que eu viera para obter informações sobre a pobre Rosaura, o que solicitei de imediato.

Ela passou o dorso de uma das mãos sobre seus olhos lacrimejantes, secando-a em seguida no seu vestido de chita, deu um profundo suspiro e pôs-se a dizer:

“Senhora Dona, como sou infeliz! Perdi tudo, e já fui muito rica, como Vossa Senhoria bem sabe. Do meu pai, recebi um dote de dez escravos e quatro escravas, quando me casei, e um belo sítio, do qual podíamos viver muito bem; mas meu marido, – que Deus me perdoe – já que

está morto, devo confessar-lhe que perdeu tudo no jogo, menos a Rosaura, que não puderam tomar de mim porque me foi legada em testamento - e agora veja...”

Nesse ponto ela começou a soluçar copiosamente, de maneira que tive que esperar por um bom tempo até que continuasse a falar: “Veja o que aquela mulher tola provocou.”

“Bem, mas o que foi?” respondi, “por favor, conte-me o que aconteceu?”

“Pois Vossa Senhoria não sabe?” perguntou-me com espanto.

“Não, eu realmente não sei, não posso compreender como uma pessoa tão boa possa ter cometido algo mau.”

“Senhora Dona, Vossa Senhoria há de concordar comigo que a Rosaura fez muito mal em não ter pensado em mim, pois ela sabe que foi ela a única coisa que me restou, e por isso ela deveria ter tido mais consideração comigo e ter deixado de fazer uma tolice dessas. Bem que eu cansei de lhe dizer que o que pretendia fazer, não poderia terminar bem, mas ela não quis me ouvir, e agora me encontro nesta penúria.”

“A situação da Rosaura certamente é muito pior,” contrapus com certa impaciência, “mas talvez possamos ajudá-la. Eu justamente vim procurá-la para juntas encontrarmos uma solução que também beneficie Vossa Senhoria.”

“Ajudar!” exclamou ela; “quem seria capaz de ajudar numa situação dessas?” – “Sua condenação já foi proclamada, e o Senhor Antonio Gomes insistiu para que o castigo fosse muito severo. A criança, afinal, não era fraca, nem doente, ao contrário, ela era forte e saudável.”

“Que criança, meu Deus!”

“Ah, vosmecê ainda não sabe? – Pois saiba que aquela mulher tola matou o recém-nascido que sua filha acabara de dar à luz – ela o sufocou nos próprios braços.”

“A filha é escrava do Senhor Antonio?” perguntei.

“Sim, desde a hora em que meu marido a vendeu - mas isso já faz muito tempo. Rosaura, na ocasião, comportou-se como uma louca. E claro, eu também me senti bastante incomodada. Mas eu tive que aceitar o inevitável, e foi o que eu sempre disse a ela, que também ela teria que aceitar. Mas, como Vossa Senhoria pode ver, ela nunca se convenceu disso. Ela não conseguiu dominar o rancor que sentia, ela é louca.”

“Mas o que a terá levado a cometer um ato como esse?” perguntei muito emocionada, pois eu imaginava que o motivo que a movera não poderia ter sido fútil.

Dona Brandina, no entanto, não conseguiu entender o que eu queria dizer com minha pergunta e somente repetiu: “Ela é uma velha maluca! – Pois, veja bem Senhora Dona, é esse o infortúnio no nosso país: não existem mais negros bons para o trabalho. Quando são tolos e ignorantes, não servem para trabalhar e quando são hábeis e esforçados, não querem mais ser escravos e cometem tolices.”

“Meu Deus,” exclamei preocupada, “então a pobre velha foi condenada à morte?”

“À morte? – Não! – Para que isso seria útil? Não traria nenhuma compensação ao Senhor Antonio.”

“Compensação para que?”

“Ora, Senhora, Vossa Senhoria sabe muito bem o que vale um escravo, principalmente agora, quando se tem tão poucos à disposição, desde que eles não podem mais ser importados. Infelizmente, no caso da criança, tratava-se de um menino.”

“Por que infelizmente?”

“Porque um menino pode ser vendido por um preço muito mais alto que o de uma menina e, portanto, levará muito mais tempo para que seu valor seja ressarcido com trabalho.”

“Continuo a não compreender. Qual é afinal a pena, à qual Rosaura foi condenada?”

“Ela será levada para bem longe no interior da província, onde trabalhará num canavial, até que a soma que lhe será paga, cubra o valor que terá que devolver ao Senhor Antonio para cobrir seu prejuízo.”

“Mas – Rosaura não está acostumada com esse tipo de trabalho pesado, e ela, com suas habilidades, aqui na capital, poderia conseguir esse valor num prazo muito mais curto, enquanto que lá certamente sucumbirá em consequência do esforço excessivo.”

“Certamente!” – Mas então ela não receberia o castigo que lhe cabe, penso eu, e acredito que as pessoas temem que ela, então, traria uma parte do seu ganho para mim.

“Eu pensei que, uma vez sendo essa negra sua propriedade inalienável, ninguém, em nenhuma circunstância, tivesse o direito de tirá-la de Vossa Senhoria”, disse-lhe eu.

“Pois, sim! Pois, sim!” retrucou Dona Brandina, “porque ela prejudicou outro senhor de escravos na sua propriedade, e porque eu não a detive. É essa a questão! – Eu sou igualmente penalizada pela falta que ela cometeu e, quando se é pobre e idosa como eu, é muito duro passar por isso.”

Permaneci em silêncio por um tempo, absorta nos meus pensamentos, mas como não poderia esperar conseguir aqui mais alguma informação, já me preparava para as despedidas, quando um novo visitante se anunciou lá fora, através de palmas, como é usual neste país. Fiquei parada de pé, aguardando os acontecimentos. Minha intuição me dizia que eu iria conseguir informações importantes.

* * *

Seguindo o chamado de “Que entre!” proferido por Dona Brandina, surgiu a figura do Senhor Cônego Cypriano, seguido pelo seu adjunto Padre Vicente, e ambos passaram por mim com um leve cumprimento, para curvarem-se em profunda reverência diante da boa senhora. Sem me dispensar qualquer atenção, o primeiro envolveu Dona Brandina numa conversa, em tom um tanto exaltado, na qual cabia, ao seu acompanhante, claramente o papel de testemunha.

Para mim, não restava qualquer sinal de dúvida, de que os dois senhores me haviam reconhecido, uma vez que o Cônego Cypriano, durante um bom tempo, ministrou as aulas de religião aos meus pequenos educandos, e o Padre Vicente, em várias ocasiões, o substituiu. Foi quando me lembrei da carta da pobre Rosaura, onde esta me pedia que procurasse justamente esse Cônego. Uma vez que ele não demonstrava nenhuma preocupação em permitir que eu ouvisse sua conversa com Dona Brandina, eu, por minha vez, também não via nenhuma razão para me retirar do recinto, pelo contrário, acreditei ser esta uma boa oportunidade para,

eventualmente, conseguir alguma informação que me levasse mais rapidamente ao meu objetivo.

“Minha cara filha em Cristo”, disse o Cônego, fazendo, por várias vezes, o sinal da cruz sobre sua interlocutora, “eu vim vê-la, na função de humilde servo da Santa Igreja, para aliviar-lhe, por graça e vontade de Deus Onipotente, o pesado fardo que lhe foi imputado e para trazer-lhe consolo; pois ela, a nobre Mãe de todos os Aflitos, também se apiedará de vosmecê, quando vosmecê, como uma verdadeira cristã, e com demonstração da mais profunda confiança, lançar-se em seus braços amorosos.”

Aqui, ele fez uma pausa, e, da parte dela, ouviu-se um choro, antes que continuasse:

“Eu venho, querida Filha em Cristo, para formular-lhe a pergunta, se vosmecê ainda nutre a esperança de alcançar, neste mundo, um pouco de paz e felicidade?”

“Não, infelizmente não!” exclamou Dona Brandina com ar de profundo pesar.

“Vosmecê, então, tomará a sábia decisão de entrar para um convento, onde vosmecê não precisará mais preocupar-se com os assuntos terrenos e terá o seu sustento, para dedicar-se completamente à salvação da sua alma?”

Dona Brandina parou de chorar e somente suspirou profundamente.

O Senhor Cônego prosseguiu: “Vosmecê, cara Filha em Cristo, em verdade, tomará, como uma verdadeira serva do Senhor, a sua cruz nas costas e executará alguns trabalhos, dos quais, mesmo numa instituição espiritual, não se pode prescindir completamente.”

“Mas, eu sou muito fraca,” replicou Dona Brandina, “e nunca aprendi a trabalhar ...”

“Vosmecê aprenderá!” o Cônego interrompeu-a com diligência. “Deus sempre se manifesta com maior vigor nos mais fracos, e como vosmecê não possui nenhuma fortuna que poderia entregar à Santa Igreja, para mostrar sua gratidão por todas as bênçãos que recebeu, terá que encontrar outra forma de demonstrar-se agradecida; tanto maior será a paz da sua alma, e a recompensa que receberá nos céus será tanto mais bela.”

Ela pôs-se novamente a chorar. Ele, no entanto, proferiu, em tom solene:

“Pois oremos, cara Filha em Cristo, para que Deus Onipotente nos ilumine e nos aponte o caminho a seguir! – Eu lhe pergunto, se vosmecê quer entrar para a Ordem das Irmãs de Nossa Senhora do Monte Carmelo, que se mostraram dispostas a recebê-la com braços abertos e conduzi-la, com amor sincero, para a salvação maior, de hoje para toda eternidade?! – Amém.”

“Amém!” repetiu ela, talvez de forma inconsciente, como estava acostumada a fazer no final das orações proferidas pelo padre nas missas dominicais.

“Sois testemunha”, ao dizer estas palavras, o Cônego virou-se para o Padre Vicente, que então respondeu: “É o que sou!” e o outro, dirigindo-se a Dona Brandina, disse:

“Vosmecê me promete também, minha filha, que tudo aquilo que talvez ainda lhe pertença, mesmo sem que o saiba, ou que no futuro ainda lhe será legado, deverá ser doado ao Convento da Ordem das Irmãs de Nossa Senhora do Monte Carmelo, a fim de que seja usado, conforme a vontade dos seus superiores, em favor da sua salvação?”

“Ora, Senhor Cônego, nada mais me pertence!”

“Assim se torna mais fácil abdicar de tudo e não nutrir esperanças de receber algo no futuro, podemos então confirmar que vosmecê está de acordo com o que acertamos.”

Mais uma vez fez-se silêncio, interrompido somente pelos suspiros da pobre mulher, e então o Cônego dirigiu novamente a palavra ao seu acompanhante e disse: “Sois testemunha,” ao que aquele respondeu: “É o que sou!”.

Ambos então inclinaram a cabeça, murmuraram uma oração, fizeram o sinal da cruz e disseram em voz alta: “Amém!” ao que se dirigiram à porta para deixar o recinto. Foi quando lhes barrei a saída e pedi ao Cônego que ouvisse, por um instante, o que eu tinha a dizer.

“Perdoe-me”, eu disse, “eu teria que procurá-lo em sua residência, caso Vossa Senhoria não prefira, fornecer-me aqui mesmo a informação de que necessito. A pobre negra Rosaura, cujo destino não lhe deve ser desconhecido, incumbiu-me de lembrá-lo da promessa, que Vossa Senhoria lhe fizera; e eu também gostaria de perguntar-lhe, de que maneira eu poderia conseguir uma atenuação da pena que lhe será imputada.”

O rosto do piedoso senhor mudou de cor e ele, como que assustado, deu um passo para trás, afastando-se de mim, não conseguindo recompor-se de imediato para fornecer-me uma resposta; foi essa, ao menos, a impressão que tive. Ele, porém, logo recuperou sua postura anterior e disse-me, que sua eminente posição não lhe permitia fornecer qualquer informação dessa natureza a estranhos, mesmo que soubesse de algo, o que, no entanto, não seria o caso. Com uma leve e fria mesura, deixou o local, seguido pelo Padre Vicente, e também eu despedi-me depressa, para não perder mais tempo e conseguir, de uma outra forma talvez, alcançar meus objetivos.

Dirigi-me diretamente à Casa de Correção, para certificar-me, em primeiro lugar, que a pobre velha ainda estava lá, e eu realmente consegui, com muito esforço e, como se pode imaginar, com uma boa soma em dinheiro, que fosse arranjado um encontro com ela. Fui finalmente levada para frente de uma pequena grade de ferro, atrás da qual pude divisar um grande número de pessoas de cor, em condições muito precárias, de cócoras no chão, o olhar parvo dirigido para lugar algum ou soltando gritos estridentes, e demorei um bom tempo, antes que pudesse localizar a Rosaura e chamá-la para uma conversa.

“Ó Senhora Dona,” exclamou, “que bênção Deus me concede, permitindo que Vossa Senhoria viesse até mim! Não tive coragem de pedir, mas é tão bom que a Vossa Senhoria veio, e eu tenho tanto a lhe dizer!”

“Em primeiro lugar, deixe-me saber de que forma posso ajudá-la,” disse-lhe eu. Ela, no entanto, interrompeu-me: “De mim, não quero falar. Não pense em mim, Senhora Dona! – O meu destino não importa, o que me preocupa é a sorte da minha pobre dona, a Senhora Brandina, e eu temo que ela esteja muito zangada comigo.”

“O futuro de Dona Brandina já está resolvido; o Senhor Cônego Cypriano esteve com ela, e...”

“O que Vossa Senhoria está dizendo?” – ele já foi vê-la? – e ele disse à boa senhora, que ela ainda possui uma boa fortuna, da qual poderá viver tranquilamente? – Que bom saber disto! – Agora me sinto feliz.”

“Pobre Rosaura, vosmecê terá que me dizer agora tudo o que lhe aconteceu; pois a situação não se apresenta da maneira como vosmecê pensa. O Senhor Cônego não falou de uma

fortuna – certamente que não! Não, ele, ao contrário, convenceu Dona Brandina a entrar para o Convento das Carmelitas, porque não teria mais nenhuma posse à disposição.”

“Foi isso que ele fez? – aquele malandro! – Pois ele bem sabe que o pai da minha Senhora ainda lhe havia legado 20.000 milréis, que ela deveria receber somente após a morte do seu marido. Eu, além disso, entreguei ao Cônego todas as minhas economias, para que ele as guardasse e entregasse à minha dona, caso alguma coisa acontecesse comigo e eu não pudesse mais trabalhar para ela enquanto seu marido malvado ainda estivesse vivo!”

“Qual foi a quantia que vosmecê entregou a ele para que a guardasse?” perguntei.

“Ó, Senhora Dona, penso que tenham sido aproximadamente 1.000\$000; eu fui levando para ele, um pouco de cada vez, para que minha pobre dona pudesse recebê-los em caso de necessidade.”

“Mas vosmecê não tem nenhuma prova disso, não é? – Vosmecê não possui nenhum papel, ou recibo, nenhuma testemunha?”

“Sim, Senhora Dona, de início ele sempre me deu um recibo sobre a quantia que lhe havia entregado, mas depois ele não tinha mais tempo de fazê-lo e o padre Vicente serviu de testemunha.”

“Aquele? – Que estranho! – No entanto, vosmecê não deve lembrar-se mais de onde se encontram aqueles papéis que vosmecê recebeu do Cônego?”

“Certamente me lembro, Senhora Dona, porém, agora, não estou em condições de buscá-los.”

“Vosmecê não, mas eu talvez pudesse. Onde eles estão? – Diga-me e eu irei procurá-los até que os encontre.”

“Que gentileza sua, Senhora Dona! – Eles se encontram guardados numa caixa de metal, - mas Vossa Senhoria não poderia escalar e arrastar-se até o esconderijo, onde eu os guardei! – Escondi a caixa embaixo do telhado, do lado da rua, na antiga casa da Dona Brandina, de onde eu nunca a tirei, pois não tinha outro lugar para onde levá-la.”

“Trata-se da casa onde mora agora o Senhor Nepomuceno, o Juiz de Paz e Tabelião?” perguntei.

“Sim, é ele que mora lá, e em suas mãos também foram depositados os 20.000\$ 000, que pertencem à minha pobre Senhora, já que seu marido malvado agora está morto. Seu pai não queria que ele também desperdiçasse essa quantia, e eu tive que lhe prometer, que ela não saberia de nada, enquanto seu marido vivesse; mas o Cônego Cypriano deveria reclamar a restituição do valor em nome dela, quando seu marido falecesse, ou, no caso de a esposa morrer primeiro, o valor seria revertido em favor da Igreja, e isso era de conhecimento do Cônego.”

“Bem, Rosaura, vou ver o que posso fazer. Fique certa de que farei tudo o que for possível para ajudá-la e a sua dona. Mas agora, conte-me, o que levou vosmecê a agir daquela forma com a criança – vosmecê já sabe do que estou falando...”

“Sim, Senhora Dona, eu sei, Vossa Senhoria certamente repudia o fato de eu ter tirado a vida de uma criaturinha tão inocente, e me dói muito, saber que Vossa Senhoria agora pensa tão mal de mim. Mas eu não pude agir de outra maneira. Não quero que no futuro, minha filha venha a sofrer da mesma forma que eu sofri, porque não é tão triste, perder uma criança tão

pequenina, o tempo faz esquecer, mas ver um filho, já quase adulto, ser vendido e nem saber para onde, isso é muito grave para uma mãe, e minha filha não iria aguentar. Ela não é tão forte quanto eu, e ela não possui uma dona, junto à qual cresceu e que ama tanto quanto eu amo a minha. Não, não! – e é realmente muito melhor que nenhum escravo seja dado à luz.”

“Nisso vosmecê tem toda razão!” eu disse espontaneamente, do fundo do meu coração; ela alcançou a minha mão através das grades e puxou-a para si, a fim de beijá-la. Depois exclamou, chorando: “Que Deus a abençoe, Senhora Dona! – Se todas as pessoas fossem tão boas quanto Vossa Senhoria, a escravidão não seria uma desgraça tão grande.”

“Porém, cara Rosaura, mesmo assim continuaria sendo uma grande desgraça! – Tenho que ir-me agora; quero apressar-me, para voltar o mais rápido possível com boas notícias.”

* * *

É de se imaginar, que, sem mais delongas, procurei imediatamente o Juiz de Paz e Tabelião Senhor Nepomuceno, que eu conhecera em outros tempos, quando sua filha foi educada em meu estabelecimento de ensino, como sendo um homem generoso e honrado. Poderia, pois, ter a esperança de encontrar nele suporte eficaz e ajuda - o que se confirmou.

Em primeiro lugar, atendendo a um pedido meu, um rapazinho negro foi designado a entrar por baixo do telhado, que aqui no Brasil costuma ser muito baixo, para procurar a caixa de metal, na qual realmente encontraram-se várias promissórias, no valor total de 500\$000, que pareciam ter sido emitidas pelo Senhor Cônego Cypriano. O Senhor Nepomuceno soube operar de maneira tão astuta, que o eminente clérigo viu-se obrigado a aceitar os fatos, para não dar pretexto a desconfianças desagradáveis. Ele, portanto, sem pestanejar, pagou a referida quantia, sendo que o restante do dinheiro que lhe havia sido entregue pela pobre negra, permaneceu em seu poder, uma vez que o padre Vicente, neste caso, dificilmente prontificaria-se a testemunhar tão prontamente, quanto fizera anteriormente em favor da nobre Igreja. O senhor Nepomuceno aconselhou-me a não levar o caso adiante e contentar-me com o sucesso já alcançado, pois não seria possível prever, se alguma vantagem, que ainda pudesse ser conseguida, não revertesse em desvantagem mais adiante.

É fácil atinar, que Dona Brandina ficou radiante diante da notícia de que, graças à herança que lhe coube, livrou-se da necessidade de buscar abrigo no convento e que pouco lhe importou o fato do Cônego Cypriano zangar-se, ou não.

O que mais me deixou feliz, no entanto, foi o fato de que, com auxílio do bondoso Senhor Nepomuceno, eu tivesse conseguido ressarcir a dívida que o Senhor Antonio Gomes reclamava da pobre Rosaura, com o dinheiro que havia economizado, e do qual ainda sobraram alguns cem milréis para dar de entrada para uma futura compra da alforria de sua filha.

Dessa forma, essa pobre e infeliz mulher pode voltar à sua antiga dona e trabalhar para ela na sua própria residência, o que representava a realização dos seus melhores sonhos.

E eu?! – eu disse a mim mesma: “Feliz é aquele, que aqui, no tempo oportuno, encontra alguém, que por ele interceda com justiça! – porém – pobre é aquele, a quem na hora da necessidade essa intercessão é negada!”